

## “UM POUCO DE MIM E UM POUCO DAQUI”: O CAMPUS PINHEIRAL ENTRE RELATOS E MEMÓRIAS

Marcela Martins Fogagnoli Erthal<sup>1</sup>  
Elisa Victoria Moreira da Costa Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO

As histórias do campus Pinheiral do IFRJ e do município de Pinheiral (RJ) se entrelaçam quase numa simbiose. O campus está localizado nas terras da antiga fazenda São José do Pinheiro, onde foi instalada a estação ferroviária de Pinheiro. Aos poucos foram se formando algumas habitações em seu entorno, que se transformou no atual município de Pinheiral. Em 1880, após o falecimento do proprietário da fazenda, José de Souza Breves, as terras foram desapropriadas pelo governo federal e declaradas de utilidade pública. Ao longo de sua história, a instituição, que começou como Posto Zootécnico Federal, passou por importantes transformações e o município de Pinheiral acompanhou essas mudanças. Desse modo, o antigo Colégio Agrícola Nilo Peçanha, atual IFRJ campus Pinheiral, é parte da história do município. Durante os mais de cem anos de sua existência, a instituição esteve presente na vida dos moradores de diversas maneiras, como espaço educacional, ambiente de sociabilidade ou até mesmo como um lugar de assistência médica. Nosso trabalho propõe um estudo sobre a história do campus Pinheiral num recorte temporal 1964 a 2009, o período entre a criação do Colégio Agrícola Nilo Peçanha e a transição para o IFRJ, transformando-se em campus da instituição. Utilizando a História Oral como metodologia, buscamos analisar a memória sobre o campus Pinheiral a partir de relatos orais de ex-alunos e funcionários da instituição, permitindo assim conhecer as construções sobre o passado do campus e sua relação com a região em que se localiza. Dialogando com estudos na área da História da Educação, buscaremos apresentar o processo de pesquisa e os resultados alcançados até aqui. Trata-se

1 Doutora em História. Professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, campus Pinheiral, [marcela.erthal@ifrj.edu.br](mailto:marcela.erthal@ifrj.edu.br);

2 Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro [elisa.v.moreira@gmail.com](mailto:elisa.v.moreira@gmail.com);

também de uma oportunidade de divulgar a história centenária de um campus que aos poucos vai buscando formas de reconstruir esse passado e contar sua história.

**Palavras-chave:** Memória, História Oral, História da Educação, Patrimônio.

## INTRODUÇÃO

Em 22 de julho de 2015, foi aprovada a Lei 861, que criou o Parque das Ruínas da Fazenda São José do Pinheiro. Na ocasião, foi inaugurado um memorial com uma exposição a céu aberto que contava a história da antiga casa-grande da fazenda do comendador José de Souza Breves. Construída em meados do século XIX, o casarão da Fazenda São José do Pinheiro se destacava por sua suntuosidade. A residência de José de Souza Breves possuía mais de 20 quartos, era envidraçada e cercada por grandes e belos jardins. Segundo o jornalista Augusto Emilio Zaluar, que visitou a fazenda na década de 1860, “a sala nobre era uma peça soberba ‘com grandes espelhos de Veneza, ricos candelabros de prata, lustres de cristal, mobília, tudo disputando a primazia com o que deste gênero se vê de mais ostentoso na própria capital do império’” (Breves, 1995). No entanto, incêndios ocorridos em 1986 e 1990 destruíram o prédio original, deixando-o em ruínas. José de Souza Breves faleceu em 1879 sem deixar herdeiros diretos. Em 1890, por meio do Decreto nº 6.86, de 23 de agosto, as terras da Fazenda São José do Pinheiro foram declaradas de utilidade pública. No ano seguinte, a sede da propriedade foi adquirida pela Fazenda Federal. A partir de 1897, a Fazenda Pinheiro foi cedida ao Ministério da Guerra, passando a funcionar como um Hospital Militar. Em 1899, foi transferida para o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, e a sede da fazenda passou a abrigar o Posto Zootécnico Federal de Pinheiro, através do Decreto Nº 7.622, de 21 de outubro de 1909.

Junto ao Posto Zootécnico, foi criada, em 1910, a Escola Média de Agricultura, Agronomia e Veterinária de Pinheiro. Em 1916, após a fusão da Escola de Agricultura anexa ao Posto Zootécnico Federal com a Escola Média da Bahia, foi fundada a Escola Superior de Agricultura e Veterinária, que, por meio do Decreto nº 12.894, de 28 de fevereiro de 1918, foi transferida para a cidade de Niterói. O mesmo decreto instituiu a criação do Curso Complementar Patronato Agrícola de Pinheiro, destinado à educação de menores desvalidos, que funcionou até os anos de 1930. A antiga Vila da Estação de Pinheiro foi transformada em distrito em 1916, e, em 1920, o Distrito de Pinheiro recebeu a visita dos reis da Bélgica, Alberto e Elizabeth, do presidente da República, Epitácio Pessoa, e de outras autoridades, que foram conhecer o Patronato Agrícola.

Em 1934, por meio do Decreto nº 2415, de 12 de abril, foi criado o Aprendizado Agrícola Nilo Peçanha, que, em 1947, passou a se chamar Escola

Agrícola Nilo Peçanha, onde eram ministrados os cursos de Iniciação Agrícola e Mestria Agrícola. Em 1964, através do Decreto nº 53.558, a antiga Escola Agrícola passou a se chamar Colégio Agrícola Nilo Peçanha.

O Colégio Agrícola Nilo Peçanha (CANP) começou a ser administrado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1968, por meio do Decreto nº 62.178, de 25 de janeiro, vinculando-se à Faculdade de Educação da universidade. Em 1971, foi criado o curso Técnico em Agropecuária. Somente em 2002 foi instituído o curso Técnico em Meio Ambiente, o primeiro em outra área profissional. Em seguida, surgiu o curso Técnico em Agroindústria, na modalidade PROEJA, em 2007.

Em 2008, com a sanção da Lei 11.892, o Colégio Agrícola Nilo Peçanha se desvinculou da Universidade Federal Fluminense, passando a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e a se denominar Campus Nilo Peçanha (mais tarde Campus Pinheiral). Em 2012, foi iniciado o curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, e, em 2017, foi ofertado o primeiro curso superior, com a Licenciatura em Computação. No mesmo ano surgiu a primeira pós-graduação *lato sensu* do campus com a oferta do curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade.

Como se pode notar, foram muitas as mudanças ao longo de mais de um século, em um campus cuja história é rica em informações tanto sobre o país quanto sobre a região Sul Fluminense. No entanto, apesar de sua relevância para a história da educação profissional no Brasil, ainda falta um trabalho sistemático de pesquisa e organização da história do campus Pinheiral. Muitas pessoas ligadas à instituição são consideradas como “guardiãs” desse passado que espera para ser contado. Diante disso, iniciamos um projeto de pesquisa, com apoio do IFRJ e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com a intenção de conhecer e analisar a história do campus a partir das vivências e memórias de ex-alunos e ex-funcionários da instituição.

Reconhecendo que a extensão dessa história excede o prazo do nosso projeto, optamos por uma análise focada no período de 1968 a 2009. O principal objetivo é examinar a transição do Colégio Agrícola Nilo Peçanha para o Instituto Federal do Rio de Janeiro, quando o colégio foi transformado em campus dessa nova instituição. Embora nosso foco temporal seja delimitado, buscamos ainda analisar elementos importantes do passado do campus, que remontam aos tempos da Fazenda de José Breves, da antiga Vila do Pinheiro e

do Posto Zootécnico para entender como esses contextos influenciaram a formação da identidade do campus ao longo do tempo.

Utilizando a História Oral como ferramenta central para a pesquisa, juntamente com documentos escritos, iconografias e demais tipos de registros, estamos empenhados em compreender o passado do campus a partir de relatos de pessoas que estiveram diretamente envolvidas com a instituição desde a época do Colégio Agrícola Nilo Peçanha. Interessa-nos compreender como esses indivíduos interpretaram e vivenciaram as situações, as transformações e o cotidiano do campus, tornando o estudo da história mais concreto e acessível, facilitando a compreensão do passado (Alberti, 2005).

Segundo Bosi, na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, de um grupo, da sociedade (Bosi, 2017). Nas palavras da autora, espera-se que os mais velhos guardem as lembranças. Nesse contexto, consideramos como parte da memória do campus aqueles que viveram ativamente o período do antigo Colégio Agrícola Nilo Peçanha e sua transição para o IFRJ, seja como alunos ou funcionários.

Nesse texto, buscamos apresentar parte da história do campus Pinheiral e os resultados iniciais da pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre o passado dessa instituição. Além disso, discutimos a importância de preservar esse patrimônio histórico, não apenas para honrar o legado de quem aqui passou, mas também para enriquecer a formação das futuras gerações. Acreditamos que, ao resgatarmos essas narrativas, contribuímos para um entendimento mais profundo da trajetória da educação profissional na região e para o fortalecimento dos laços entre a comunidade acadêmica e a população local.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi dividida em cinco etapas, que estão sendo realizadas desde 2023. A primeira delas consistiu na leitura e discussão de textos sobre a metodologia da história oral com os alunos bolsistas e voluntários, com o objetivo de fornecer a eles o suporte teórico necessário para a condução da pesquisa e o tratamento das fontes orais. Para isso, foram utilizados textos fundamentais, como o *Manual de História Oral* (Alberti, 2005) e outros que abordam a temática da memória, como *Memória, Esquecimento e Silêncio* (Pollak, 1989). Os encontros ocorreram semanalmente, com cada sessão dedicada à discussão de um texto previamente lido pelos estudantes. Durante essas reuniões, os alunos

tiveram a oportunidade de tirar dúvidas, compartilhar suas interpretações e percepções sobre o material estudado e receber orientações sobre como trabalhar com história oral. Além de aprenderem sobre técnicas de entrevista e coleta de depoimentos, foram abordadas questões mais amplas relacionadas à memória, esquecimento e a construção de narrativas históricas. Essa etapa foi fundamental para preparar os estudantes a lidarem de forma crítica e cuidadosa com as fontes orais, garantindo que eles compreendessem tanto os desafios quanto o valor desse tipo de abordagem para a pesquisa.

A segunda etapa da pesquisa assume um caráter mais prático, concentrando-se na realização de um levantamento detalhado dos possíveis depoentes. Nesse momento, estão sendo coletados dados essenciais para a criação de uma ficha catalográfica para cada entrevistado, contendo informações como nome, idade, área de atuação, e uma breve biografia que resuma aspectos importantes de sua trajetória. Essas fichas são de grande importância, pois permitem um mapeamento dos perfis dos entrevistados. Essa etapa tem desempenhado um papel crucial no planejamento das entrevistas, orientando a definição de uma ordem lógica e estratégica para sua realização. Critérios como a idade dos entrevistados, sua disponibilidade e a natureza de sua relação com o campus têm sido levados em consideração para organizar a sequência das entrevistas. A fase de levantamento de dados e preparação das fichas ocorre de forma paralela às demais etapas da pesquisa, o que permite otimizar o tempo e garantir que o agendamento das entrevistas siga conforme o cronograma estipulado.

Como uma terceira etapa do projeto, as entrevistas estão sendo realizadas de acordo com o cronograma estabelecido na fase anterior. Levando em conta as particularidades de cada entrevistado, estamos nos empenhando para que as entrevistas ocorram, sempre que possível, dentro do campus. Essa escolha não só padroniza as condições técnicas — como iluminação, som e equipamento de gravação — mas também facilita o acesso aos recursos necessários e proporciona um ambiente controlado e profissional, o que favorece a qualidade do material coletado. A presença dos professores responsáveis pelo projeto, junto com os colaboradores da pesquisa, é indispensável durante as entrevistas. Eles desempenham um papel crucial ao conduzir as perguntas de maneira alinhada ao roteiro pré-definido, garantindo uma abordagem consistente e focada nos objetivos da pesquisa. Além disso, a atuação dos colaboradores durante as entrevistas também contribui para o registro e documentação precisa do processo, capturando informações essenciais que serão analisadas posteriormente. Essas

entrevistas representam uma fase vital da pesquisa, pois permitem a coleta de dados qualitativos diretamente das fontes. O material coletado, juntamente com as observações feitas pelos responsáveis, enriquecerá a análise final e contribuirá para a formação de um panorama mais robusto e detalhado dos resultados esperados.

A etapa seguinte é o tratamento das fontes orais: transcrição das entrevistas, armazenamento e organização dos arquivos digitais. Essa etapa vem sendo feita paralelamente à anterior, nos intervalos entre as entrevistas. Posteriormente, será organizado um espaço específico para o armazenamento de todo o material coletado ao longo da pesquisa. Esse ambiente terá a função de centralizar e preservar os dados, documentos obtidos, garantindo sua conservação e acessibilidade. Além disso, está sendo desenvolvido um acervo digital, que ficará disponível ao público em geral, permitindo que pesquisadores, estudantes e particulares possam consultar e utilizar o conteúdo. Esse acervo servirá como uma importante ferramenta de divulgação científica, contribuindo para a disseminação do conhecimento gerado pelo projeto.

A quinta e última etapa da pesquisa consiste na restauração, higienização e conservação de objetos de valor histórico que, atualmente, estão armazenados de maneira inadequada no campus. Muitos desses itens se encontram dispersos por diversos setores ou guardados em galpões, o que dificulta o acesso e a preservação adequada. Assim, temos realizado um levantamento para identificar e separar esse material, garantindo que cada item seja catalogado e tratado conforme sua importância histórica. O trabalho de higienização tem sido essencial, removendo a sujeira e a degradação acumuladas ao longo do tempo. Em casos em que os itens estão mais danificados, intervenções mais profundas, como solda, polimento e emolduramento, tem sido necessárias para garantir a integridade e durabilidade desses objetos. Entre os itens encontrados e tratados estão móveis antigos, máquinas, fotografias, documentos históricos e objetos relacionados ao CANP, como troféus e bandeiras.

Além de preservar a memória institucional, o projeto propõe a criação de um acervo que possa ser acessado pela comunidade acadêmica e pelo público em geral, promovendo a valorização da história do campus e incentivando a pesquisa e a educação patrimonial. A conservação desses objetos também contribuirá para o fortalecimento da identidade cultural da instituição, permitindo que futuras gerações tenham a oportunidade de conhecer e apreciar o legado histórico que eles representam.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como exposto, o campus Pinheiral possui uma rica história centenária, intrinsecamente ligada à trajetória do município. Contudo, entre os moradores locais e a comunidade do campus, esse passado parece não estar claramente estruturado ou devidamente reconhecido. Na cultura local, a população ainda se refere ao campus Pinheiral como o Colégio Agrícola Nilo Peçanha. No entanto, há um notável interesse em redescobrir esse passado, evidenciado pelos trabalhos de pesquisa de discentes e docentes, pelas visitas técnicas frequentes ao campus realizadas por estudantes da região, pelos projetos interdisciplinares que abordam o tema e pela nostalgia expressa por alunos antigos e profissionais ao falarem do CANP. Nesse sentido, há uma história a ser analisada e um passado a ser contado.

Em que pesem os múltiplos fatores a serem considerados, entendemos que falta entre os munícipes um sentimento de pertencimento em relação à instituição. Segundo Silva, “a forte associação histórica com a instituição anterior, aliado ao desconhecimento da proposta pedagógica dos Institutos Federais, dificultam a construção e o fortalecimento da identidade institucional” (Silva, 2021). Acreditamos que conhecer a história do campus poderá contribuir significativamente para fortalecer o vínculo com a instituição, tanto entre a comunidade interna quanto externa.

Diversas pesquisas históricas foram realizadas sobre José Breves e a Fazenda São José do Pinheiro. Entre elas, destaca-se o estudo do historiador Thiago Campos Pessoa Lourenço (Lourenço, 2015). O projeto *Passados Presentes*, do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), também contribuiu com um excelente estudo sobre o legado cultural resultante da presença africana na região Sul Fluminense, incluindo informações sobre o patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro, como o Jongo de Pinheiral (LABHOI-UFF, 2011).

No tocante à memória institucional, destaca-se o trabalho da historiadora Lidiane Dias da Silva, que, em sua dissertação, investigou a história do campus a partir da trajetória do Curso Técnico Integrado em Agropecuária (Silva, 2021). Contudo, ainda são escassas as pesquisas que interligam a Fazenda do Pinheiro, a formação do município e o passado do campus. Embora a fazenda não seja objeto da nossa pesquisa, consideramos essencial analisar a história do campus considerando seu passado mais remoto, quando era uma fazenda escravocrata

pertencente a um dos comerciantes de escravizados mais ricos e influentes da região.

O projeto “Um pouco de mim e um pouco daqui: o campus pinheiral entre relatos e memórias” visa, entre outros objetivos, a formação de um acervo de entrevistas com ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários e outras pessoas cujas vidas foram atravessadas pela vivência no campus. Esse acervo será disponibilizado ao público em geral e à comunidade acadêmica interessada no tema, facilitando pesquisas e promovendo uma maior divulgação da história do campus através das memórias e vivências dos entrevistados.

Como parte das atividades do projeto, foi elaborada uma linha do tempo que destaca os principais marcos históricos do campus Pinheiral, a qual está exposta no hall de entrada da instituição. O objetivo é envolver a comunidade interna e externa, que frequenta o campus em visitas técnicas aos espaços educacionais e eventos de divulgação científica. Com a iniciativa, buscamos não apenas informar, mas também criar um ambiente de interação e valorização da história do campus, fortalecendo os laços entre a instituição e os visitantes.

Como resultado final do projeto, planejamos a criação de um espaço dedicado à preservação e exposição do acervo. A intenção é a criar um Centro de Memória que, em colaboração com outros núcleos do campus, possa organizar a história da instituição a partir de um olhar crítico sobre esse passado.

Um aspecto essencial deste processo é a divulgação do projeto e de seus resultados, uma vez que a metodologia se baseia no diálogo com os participantes, na pesquisa local e na divulgação da história e dos saberes sobre o campus. Com essas ações, esperamos impactar positivamente a disseminação de informações sobre o campus e sua relação com o município, promovendo o sentimento de pertencimento entre a comunidade e fortalecendo a identidade institucional. Dessa forma, este texto tem como objetivo divulgar alguns resultados iniciais do projeto, criando um espaço para o diálogo e a reflexão sobre as ações e os principais avanços do trabalho desenvolvido.

Uma importante etapa da pesquisa em andamento são as entrevistas orais, realizadas com o objetivo de compreender, por meio das memórias dos entrevistados, as experiências vivenciadas por ex-alunos e ex-funcionários. Embora o número de entrevistas realizadas seja limitado, algumas questões emergem de maneira significativa nos relatos dos participantes.

Uma questão que consideramos relevante, é a percepção dos entrevistados sobre a transferência do Colégio Agrícola da UFF para o campus do Instituto

Federal do Rio de Janeiro. Entre os antigos membros da comunidade, há um discurso predominante de que os tempos do CANP eram melhores e de que os estudantes saíam mais bem preparados para as atividades profissionais agrícolas. Em que pese as diferenças em número de alunos e professores nos tempos do CANP, e as especificidades da proposta pedagógica dos Institutos Federais (IF), consideramos que esse discurso reflete uma falta de identificação com a instituição enquanto IFRJ. Nesse sentido, analisar como essa transição de CANP para campus Pinheiral foi vivenciada pelos antigos alunos, funcionários e gestores pode nos fornecer elementos para compreender esse passado.

Dentre os entrevistados, destacamos os relatos de dois ex-alunos e ex-professores: Paulo Machado Bittencourt, docente aposentado de Educação Física, e Orival Prange, docente e ex-diretor geral do CANP. O professor Paulo Machado mantém uma forte ligação com o campus, tendo sido aluno na década de 1970 e retornado como professor em 1980. Em seus mais de trinta anos de atuação, exerceu diversas funções de gestão, como Chefe dos Serviços Gerais, Coordenador de Atividades Complementares, Diretor de Assistência Estudantil, Diretor de Produção e Vice-diretor em duas gestões. Sua história se entrelaça profundamente com a do campus Pinheiral. Já o professor Orival Prange ingressou na instituição como aluno do curso de Mestrado Agrícola da Escola Agrícola Nilo Peçanha e, anos seguintes, formou-se no curso técnico de agropecuária do Colégio Agrícola Nilo Peçanha. Foi professor do CANP entre 1977 e 1993 e diretor do CANP entre 1978 a 1986. Em sua longa vivência na instituição, Orival viveu diversos momentos políticos e administrativos.

Com relação à transição de Universidade Federal Fluminense para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, ambos consideraram uma mudança necessária e positiva. Como colégio agrícola da UFF, o campus enfrentava instabilidade orçamentária, o que comprometia seu funcionamento. Além disso, a distância geográfica da reitoria, que fica na cidade de Niterói, por vezes era um impedimento para questões de cunho administrativo. Embora já estivesse aposentado na ocasião da transição, o professor Orival destacou as dificuldades financeiras e administrativas vividas pela instituição sob a administração da UFF. Segundo o professor Paulo, sobre os recursos destinados ao CANP,

*“não tínhamos uma verba definida para a escola, a UFF destinava a verba conforme o reitor decidisse e você ficava a mercê disso, então você passava muita dificuldade [...] quando nós nos transferimos para o Instituto*

*Federal aí sim de certa forma a questão do recurso melhorou muito e aí foram quando surgiram outros cursos”.*

De acordo com professor Paulo, a transferência atendeu às expectativas, à medida em que possibilitou a ampliação da oferta de cursos e vagas. Além disso, melhorou as condições de trabalho e remuneração dos professores.

*“Se tinha a ideia de que no instituto você teria uma condição melhor, tanto do reconhecimento, exemplo: você era vice-diretor com uma gratificação de 15 reais [...] eu fui [prefeito do campus] durante 6 anos com uma gratificação de 20 reais. Então você tinha que fazer por amor entendeu? E você não tinha condição de ficar só na direção, você tinha que dar aula. A gente trabalhava de segunda a sexta e teve época de plantão aos sábados. [...] Então essa foi uma das razões, é o fato de você ter uma condição melhor em termos de orçamento que era a proposta na época dos instituto federais.”*

Apesar dos benefícios educacionais e administrativos, a mudança para IFRJ deixou uma sensação de insatisfação entre alguns ex-alunos e funcionários que acreditam que, com a transferência, a escola perdeu sua vocação agrícola. A esse respeito, o professor Paulo destacou que a introdução de novos cursos, como informática, contribuiu para a descaracterização da escola como uma instituição voltada para a formação agrícola. Nas palavras do professor,

*“eu acho que [a transição] atendeu as expectativas, mas eu acho que se fugiu um pouco do objetivo que era como uma escola que era voltada para o setor de agropecuária, entendeu? Diversificou muito. [...] eu acho que de certa forma descaracterizou um pouco, como aconteceu na rural [Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro].”*

Outro ponto que tem chamado a atenção nas entrevistas é a maneira como a instituição aparece nas memórias dos entrevistados. Fica evidente que a vivência no colégio foi marcante, consolidando laços e experiências que ressoam até hoje. Nesse contexto, o professor Paulo nos falou com muita emoção “tem um amor envolvido muito grande, tanto é que toda vez que eu passo por ali eu me emociono. Quer dizer, é um negócio muito forte que a gente até fala que não é qualquer um que sente, né, o que a gente vivenciou”.

O relato de Alan Marcos de Queiroz, aluno entre 1972 e 1974, complementa essa visão. Nascido em Miguel Pereira (RJ), decidiu fazer o concurso para o Colégio Agrícola por sugestão de seu avô e viveu ali o que ele chama de “os três anos mais lindos” de sua vida. Atualmente residindo na Califórnia (EUA), ele

descreve o CANP como o alicerce de sua vida, destacando o impacto positivo em sua formação pessoal.

*“o colégio Agrícola Nilo Peçanha pra mim foi o seguinte, quando constrói uma casa começa pelo alicerce embaixo, né[sic]? A fundação, pra mim é como fosse um alicerce da minha vida. Ali me ensinou muita coisa boa, ser bom amigo, ser bom esposo, ser bom pai, então isso marcou a minha vida, né[sic]? [...] Aonde eu vou eu menciono o colégio Agrícola Nilo Peçanha foi onde eu estudei com muito orgulho”*

Nas memórias do professor Paulo, a influência deixada pelo CANP em sua formação é profunda e inegável, refletindo-se em aspectos essenciais de sua identidade. Quando questionado sobre o que a escola significou em sua vida, ele respondeu com clareza e emoção: “ela representa o meu caráter, a minha personalidade, a minha formação, tudo”. Para ele, o CANP não foi apenas um local de aprendizado; foi uma escola de vida, onde desenvolveu o senso de responsabilidade, ética e solidariedade que define quem ele é hoje.

As falas dos entrevistados revelaram que o sentimento de pertencimento e a forte ligação emocional com o Colégio Agrícola transcenderam em muito a experiência acadêmica, impactando decisões e atitudes ao longo de suas vidas pessoais e profissionais. Essa conexão profunda exemplifica como a instituição deixou marcas indelévels em diversos aspectos de sua formação, fortalecendo um vínculo afetivo e um orgulho de fazer parte de uma comunidade que, para eles, é lembrada como uma verdadeira família. Tal experiência moldou não apenas suas trajetórias profissionais, mas também seu caráter e seus valores, evidenciando que o colégio foi, além de um local de ensino, um espaço formador de identidade e laços humanos.

De forma geral, as entrevistas revelam que a experiência no CANP é lembrada com afeto e valorizada como parte significativa da vida dos ex-alunos. A memória coletiva construída em torno do colégio retrata uma vivência marcada por apoio mútuo e sentimento de família, fortalecendo a preservação da história do campus Pinheiral e sua importância para a comunidade.

Na busca por conhecer e analisar as memórias relacionadas ao campus Pinheiral, deparamo-nos com um rico patrimônio material da instituição. Infelizmente, muitos desses itens estão em péssimo estado de conservação, armazenados de maneiras inadequadas, como em galpões e depósitos, ou dispersos por diversos setores do campus. Consideramos que esses objetos não representam apenas o passado da instituição, mas também abrigam memórias

que, quando preservadas, contribuem para a construção de uma identidade institucional forte. A conservação desses itens é, portanto, essencial para manter viva a história dessa instituição centenária.

Entre os objetos encontrados até o momento, destacam-se livros, documentos escritos – como folhas de ponto de funcionários e diários de classe de professores –, fotografias, móveis, aparelhos tecnológicos, troféus, bandeiras e outros. Cada um deles pertencem a uma época e contam uma história sobre a instituição. Cada móvel e objeto antigo, cada documento desgastado pelo tempo, nos contam algo sobre as pessoas que passaram por aqui e sobre os desafios que enfrentaram.

Reconhecendo a importância da restauração e conservação desses itens, iniciamos um trabalho de recuperação, organização e catalogação. No entanto, esse processo tem sido desafiador devido a questões técnicas, limitações financeiras e ao número limitado de investigadores envolvidos. Alguns livros, por exemplo, foram encontrados em condições críticas de higiene e segurança, cobertos por poeira acumulada ao longo dos anos e contaminados por excrementos de animais, como ratos e insetos. Desse modo, foi necessário que a equipe buscasse conhecimento técnico para limpeza adequada e segura desses objetos, em especial de papéis antigos.

Após um período de estudos e preparação, iniciamos o trabalho de higienização mecânica dos documentos. Esse processo foi realizado com muito cuidado e atenção, utilizando Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para garantir a segurança dos envolvidos. Página por página, removemos as sujidades acumuladas, revelando informações preciosas e, de certa forma, e pudemos acessar as histórias que cada documento tem a nos contar.

Entre os objetos resgatados, dois se destacaram pela forte ligação com a memória de ex-alunos e ex-professores do Colégio Agrícola Nilo Peçanha (CANP). O primeiro deles é um brasão da República, feito artesanalmente em latão, que outrora adornava a fachada do Posto Zootécnico –prédio que hoje se encontra em ruínas. O brasão despertou muitas lembranças e histórias naqueles que o viram, mostrando o quanto esse objeto estava entrelaçado com a identidade da instituição. No entanto, devido a dificuldades técnicas e à falta de recursos e mão de obra especializada, não foi possível realizar uma restauração completa, uma vez que o brasão estava amassado e fragmentado em várias partes. Com o auxílio dos funcionários do campus, muitos dos quais ainda se lembravam vividamente do brasão, foi possível soldar as partes danificadas e

fixá-lo sobre uma base de madeira, protegendo-o de futuros danos e permitindo que fosse exibido à comunidade interna e externa.

**Imagem 1:** Higienização mecânica dos documentos.



**Imagem 2:** Brasão antes e após a restauração



O segundo item de destaque foi uma bandeira do Colégio Agrícola Nilo Peçanha. Trata-se de um objeto com grande valor simbólico para os ex-alunos. Ela foi confeccionada no início da década de 1980, após um concurso promovido entre os estudantes para escolher o modelo de bandeira que melhor representasse a instituição. Feita em cetim, com dimensões de 1,6 metros de largura e 1,3 metros de altura, a bandeira traz no centro a imagem de duas mãos segurando a terra, sobre a qual se ergue um trabalhador rural, com o nome da escola inscrito ao redor em grandes letras. Infelizmente, a bandeira foi encon-

trada em péssimo estado de conservação, coberta de sujeira e apresentando rasgos e áreas de tecido corroídas. Após uma cuidadosa lavagem, a bandeira foi emoldurada numa vidraçaria, protegendo-a das condições ambientais e garantindo que pudesse ser exposta de forma segura.

**Imagem 3:** Bandeira do CANP antes e após a restauração.



Após a restauração dos objetos encontrados, nosso objetivo é criar um acervo acessível tanto para a comunidade acadêmica quanto para o público em geral. A preservação desse patrimônio histórico não apenas fortalece a identidade cultural da instituição, mas também contribui diretamente para incentivar a proteção e salvaguarda do patrimônio cultural da cidade de Pinheiral. Ao conservar e compartilhar esses itens com as futuras gerações, promovemos a educação patrimonial, valorizamos nossa memória coletiva e fomentamos o acesso ao conhecimento, criando um elo entre o passado e o presente que fortalece a comunidade e contribui para o desenvolvimento sustentável da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Um pouco de mim e um pouco daqui: o campus Pinheiral entre relatos e memórias” evidencia a importância de resgatar e preservar a história do campus Pinheiral, confirmando sua rica trajetória e o impacto que significou na formação de diversas gerações. A pesquisa, estruturada em etapas bem definidas, permitiu um aprofundamento nas narrativas e memórias de ex-alunos e ex-funcionários, revelando a forte conexão emocional que eles mantêm com a instituição, que transcende a experiência acadêmica e se enraíza em suas identidades pessoais e profissionais.

A análise das entrevistas revelou um passado repleto de significados e desafios, especialmente no que diz respeito à transição do Colégio Agrícola

Nilo Peçanha para o Instituto Federal do Rio de Janeiro. Embora a mudança tenha trazido melhorias na gestão e no funcionamento da instituição, muitos expressaram uma nostalgia por tempos em que se sentiram mais identificados com a vocação agrícola do campus. Essa reflexão nos leva a considerar a importância de promover um diálogo contínuo sobre a identidade institucional, que possa integrar as diversas dimensões da história do campus, desde sua fundação até os dias atuais.

As iniciativas propostas, como a criação de um Centro de Memória e a disponibilização de um acervo digital com as entrevistas realizadas, são passos fundamentais para promover a valorização da história do campus e engajar a comunidade na preservação de sua memória coletiva. A conservação dos objetos históricos, como o brasão da República e a bandeira do Colégio Agrícola, ilustra a importância de manter viva a memória material, essencial para a construção de uma identidade institucional forte e coesa.

Entretanto, reconhecemos que a preservação do patrimônio material do campus enfrenta desafios importantes. Muitos dos itens encontrados, incluindo documentos e objetos antigos, estão em condições precárias e armazenados de forma inadequada, o que requer esforço para sua recuperação. O processo de higienização e conservação exige conhecimentos técnicos e recursos financeiros, que são muitas vezes limitados. Quando recuperamos e restauramos esses itens, não apenas garantimos a integridade física dos objetos, mas também respeitamos as histórias que cada um deles representa.

Assim, proporcionar acesso ao acervo, não apenas resgata o legado histórico do campus, mas também fomenta um ambiente de reconhecimento e valorização das experiências vivenciadas por aqueles que participaram da construção dessa história. A memória institucional, portanto, não é apenas um registro do passado, mas uma ferramenta poderosa para fortalecer os laços comunitários e promover a formação de uma identidade compartilhada.

Além disso, o projeto ressalta a importância de envolver a comunidade interna e externa em visitas técnicas e eventos de divulgação científica, promovendo uma troca de saberes e experiências que pode enriquecer tanto o conhecimento acadêmico quanto a vivência local. Essa interação é crucial para que o campus não seja apenas visto como uma instituição de ensino, mas como um espaço ativo de construção de conhecimento, identidade e pertencimento.

Concluimos que o fortalecimento dos laços entre a instituição e a comunidade local é essencial para o futuro do campus Pinheiral. Através do

reconhecimento de sua história e da valorização das memórias compartilhadas, é possível cultivar um sentimento de pertencimento que beneficiará tanto a comunidade acadêmica quanto os moradores do município, contribuindo para uma identidade mais coesa e integrada. Acreditamos que esse processo de resgate e preservação não apenas promove a compreensão do passado, mas também pavimentação o caminho para um futuro mais promissor e conectado.

Por fim, é fundamental que continuemos a fomentar essa busca pelo conhecimento e valorização da história local, para garantir que as futuras gerações compreendam e reconheçam o importante papel que o campus Pinheiral desempenha na formação de cidadãos críticos e conscientes. Através das ações propostas, esperamos não apenas preservar a memória institucional, mas também inspirar um compromisso contínuo com a história e a identidade do campus, que se reflete nas vidas de todos que neles passaram e que, de alguma forma, foram moldados por essa vivência.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. Ouvir contar – Textos em História Oral. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

BEIGUELMAN, Paula. A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2005.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. O tempo vivo da memória. Ensaaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BREVES, Aloysio C. Cidades Mortas: Declínio econômico das cidades do médio Paraíba na província do Rio de Janeiro no ciclo café. Aspectos econômicos, históricos e sociais das cidades de Piraí, São João Marcos e Rio Claro no período de 1860-1900. Monografia (pós-Graduação em gestão da excelência empresarial). Núcleo de Pós-Graduação, Especialização e Extensão, Unifoa, Volta Redonda, 2001.

BREVES, Guido Sérgio. Os irmãos Joaquim José de Souza Breves e José Joaquim de Souza Breves e outras considerações. São José dos Campos: JAC, 2010.

BREVES, Pe. Renato. A Saga dos Breves: sua família, genealogia, história e tradições. Rio de Janeiro: Valença, 1995.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. Centros de memória: uma proposta de definição. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. História Oral, n. 6, p. 9-25, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.) Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006. GASKELL, Ivan. História das Imagens. Em: BURKE, Peter (org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GOB, André. A museologia: história, evolução, questões atuais. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

LABHOI-UFF. Passados presentes. Niterói: UFF, 2011. 4 DVDs

LOURENÇO, Thiago Campos Pessoa. A indiscrição como ofício: o complexo cafeeiro revisitado (Rio de Janeiro, 1830-1888). Tese (doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SALGADO RIBEIRO, Suzana L. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução: Yara Khoury. Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. 7

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs). O Historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2 n. 3, 1989, p. 3 15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. 'O momento da minha vida': funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (Org.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 296-313.

\_\_\_\_\_. Ensaios de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRINS, Gwyn. História Oral. Em: BURKE, Peter (org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SCHLLENBERG. T. R. Arquivos Modernos: princípios e técnicas. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SILVA, Lidiane Dias da. História e Memória: Um olhar sobre o processo de construção identitária do IFRJ/Campus Pinheiral. Artigo (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – do Programa de Pós- Graduação do IFRJ / Campus Mesquita, 2021.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Orgs.). História falada: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.